

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1156	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	640	120	10 de Fevereiro de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possesões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	640	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	640	120		

CHRONICA OCCIDENTAL

E' evidente que se procura hoje fazer justiça ás mulheres e melhorar a sua sorte moral e material. Nada de mais louvavel. E' certo que se poderia começar pelo principio, cuidando primeiramente das mulheres sobre as quaes pesam os mais rudes e grosseiros trabalhos, como as que se entregam ás tarefas rudes, ou se dedicam ás labutas domesticas, e cuja condição convinha suavizar. Desde que, porém, se lhes preferem as intellectuaes e se intenta approximar as mulheres superiores dos homens superiores e igualá-las - não seremos nós quem a isso ponha objecções.

Se é verdade não haver, neste ponto de vista, differença sensível entre os dois sexos, afigura-se á chronica absolutamente legitimo que a Academia Francêsa queira já eleger mulheres de talento ou de qualidade.

Nada se nos afigura ao mesmo tempo mais logico e mais tradicional; e entre as razões que se apresentam ao espirito, se bem examinamos a questão e reflectimos verdadeiramente nella, surge logo este argumento: o proprio objectivo da Academia Francêsa. E qual é elle? Indiscutivelmente este: conservar em França a belleza e a tradição; representar o genio e as lindas maneiras, associá-los numa companhia de elite que assim represente as qualidades eminentes do paiz, ou, pelo menos, o que os seus investigadores crêem ser as essenciaes virtudes delle.

Ora, não ha bellas maneiras, não ha tradições francêsas a que seja alheia a mulher. E uma mulher com talento, com nobreza, uma mulher de suprema distincção pôde vantajosissimamente concorrer para constituir essa companhia, simbolizando, aos olhos de alguns, a flôr das virtudes francêsas.

Houve naquella Academia genios incontestados, que não podiam deixar de representar, no seio della, a gloria das letras, das artes ou das sciencias no seu tempo. Mas a ella têm pertencido tambem, em todo o tempo, muitas pessoas de mediano talento, de mediana qualidade, que ninguém ousaria affirmar se-

rem indispensaveis ao esplendor do pensamento francês; bons litteratos, sem duvida, honestissimos e dignos cidadãos, mas que se não impunham mais á admiração e ás preferencias da sua época, que dez, vinte, trinta outros excellentes espiritos contemporaneos. E até não seria difficil

descobrir, presentemente, uma mulher ou mais mulheres contemporaneas que os iguaem pelo talento, pela virtude e pela distincção.

Lembra-se agora que o fundador da Academia Francêsa excluiu d'ella a mulher: mas era um cardeal... E depois, na sua época, a belleza do espirito, as bellas maneiras, todas as coisas que Richelieu queria honrar e perpetuar, não se reservavam exclusivamente á mulher. Elle apenas tinha o *embarras du choix* para deparar, entre os homens de 1635, a erudição, o gosto, a cultura brilhante, a harmonia da fórma, e ninguém porá em duvida que o genio do homem deslumbrou naquelle momento da historia.

Hoje, igualou-se tudo. Acabaram os grandes senhores, e cada qual, adquirindo uma mediana educação, diminuiu a importancia que se attribuia outr'ora a alguns representantes excepcionaes do bom tom.

Tudo, inclusivamente o bom-tom, veiu a democratizarse. Quasi só as mulheres conservaram as bellas maneiras, e, se já não ha grandes senhores, existem, pelo menos, grandes damas: mercê dos seus dotes de encanto, das suas sorridentes virtudes que podem bem representar a tradição francesa.

E as intrigas? perguntase; e as polemicas e conflictos a que darão origem as candidaturas de mulheres?

Não vemos como a eleição de uma mulher possa apaixonar outra mulher mais que a de um homem. Porque o natural nas mulheres é apaixonarem-se sobretudo pelas historias que dizem respeito aos homens. E em que poderiam ter mudado as condições das mulheres? Occupam-se ellas de eleições, como se occuparam sempre; hão-de continuar. Eis tudo.

Dir-se-ha que resta ainda a questão de moralidade. Suppõe-se pois possível a entrada de uma mulher de máus costumes numa Academia? Não? foi necessario sempre, e sel-o-ha de futuro, para a admissão nas Academias, um minimo de moralidade que nunca se compadeceria com a desfaçatez feminina de que usassem as mulheres involvidas nessas questões eleitoraes.

Todos devemos achar excellentemente que a Academia das Sciencias fôsse a primeira a trancar a questão de principios, com a candidatura de



ESTATUA DO BISPO DE VIZEU, D. ANTONIO ALVES MARTINS,
PARA O MONUMENTO A INAUGURAR EM VISEU

(Esculptura de Teixeira Lopes)

Madame Curie. Ha, em materia scientifica, dados certos e verdades que mal se discutem. Póde, por exemplo, afirmar-se que Madame Curie prestou á sciencia que cultiva eminentes serviços, e, entre a sua obra e a dos seus concorrentes, pontos de comparação existem que não offerecem duvida. Em litteratura, a escolha é muito mais delicada. Os meritos litterarios podem discutir-se mais precisamente do que os meritos scientificos: em litteratura tudo é relativo e sujeito a variantes. Por mais guerreado que seja, um homem de sciencia póde provar um mínimo de trabalhos absolutamente pessoaes: a obra de um escriptor só raras vezes reune um conjuncto de suffragios que o desvançam. Parece, pois, razoavel que a prova relativamente a uma mulher se applique primeiro no dominio scientifico.

Terá o mesmo encanto e muito mais valor. Madame Curie entrará na Academia, e assistiremos depois á entrada, por sua vez, de outras mulheres da França. As academicas, quando nem sempre tiverem talento, hão de ter sempre distincção e graça; e podem até reunir todas estas virtudes, quando forem, por exemplo, como a saudosa Condessa de Nouailles...

JOÃO PRUDÊNCIO.

Monumento a D. Antonio Alves Martins, Bispo de Viseu

No dia 5 deste mez completaram-se vinte e nove annos que, no paço episcopal de Fontelo, faleceu D. Antonio Alves Martins, Bispo de Viseu, como por fim era mais popularmente conhecido.

Não se esqueceram alguns amigos e admiradores visienses deste grande liberal, de melhor lhe perpetuar no bronze sua memoria, e ainda bem que não se esqueceram aquelles poucos que ainda vivem, que foram seus amigos, pois bem digno é do monumento que vae ser inaugurado áquelle homem forte, tão forte de corpo como de espirito, um transmontano illustre de que Antonio Ennes dizia: «Engrandeceu-se sem baixarias, mandou sem orgulho, e na sua carreira, tendo passado pelos mais altos cargos da Igreja e do Estado, acabou onde tinha começado, na pobreza» (1).

Foi encarregado do monumento o insigne esculptor Teixeira Lopes que produziu mais um dos seus trabalhos notaveis na modelação da estatua que a nossa gravura representa.

Foi ella fundida em bronze na officina de canhões do Arsenal do Exercito, sob a direcção do coronel sr. Ramos da Costa e capitão sr. Caldas, executando os trabalhos os fundidores srs. Joaquim Paes Costa, José de Oliveira, Manuel Pereira Farinhas, Manuel de Oliveira Galrica, Manuel de Figueiredo, Francisco Vito Rodrigues e o mestre sr. Antonio Henriques Gomes da Silveira, tendo corrido toda a operação perfeitamente, apesar das proporções da estatua que tem quatro mil kilos de bronze.

A estatua vae ser inaugurada em viseu, no largo de Santa Catarina, esperando para isso a presença do sr. ministro da guerra, que ali vae, em breves dias, visitar o quartel de infantaria 14.

Preparam-se para essa occasião grandes festas na cidade, para as quaes a Camara já votou réis 200\$000.

Vae a cidade de Viseu ficar com mais um monumento de arte e que representa uma digna homenagem á memoria de um grande português que soube honrar a sua patria.

O 20.º anniversario da Revolta de 31 de janeiro, no Porto

Este anniversario foi festejado em todo o país, e muito especialmente em Lisboa e no Porto, numa expressiva unanimidade de adhesão ao novo regimen.

Em Lisboa, entre as diferentes manifestações festivas, distinguiu-se a inauguração de uma lapide comemorativa na casa da rua Saraiva de

Carvalho, onde cabiu a primeira granada da revolução, fazendo um grande rombo. Foi cerimonia feita com toda a solemnidade, não obstante o dia chuvoso impedir seu maior brilho.

Entretanto, no Porto, onde o tempo não esteve melhor do que em Lisboa, a comemoração da revolta de 31 de janeiro foi das mais entusiasticas que se tem feito na Cidade Invicta, arrotando os portuenses com todas as inclemencias de um dia de copiosas chuvas.

Fôram ali parte dos membros do governo provisório, srs. dr. Affonso Costa, ministro da justiça, dr. Bernardino Machado, ministro dos estrangeiros, coronel Barreto, ministro da Guerra, e capitão de mar e guerra Azevedo Gomes, ministro da marinha, estes dois ultimos em comboio que partiu á noite.

Partiram de Lisboa, no dia 29 de manhan, em comboio expresso, seguido de outro, organizado pelo Centro Republicano Antonio José de Almeida, com mais de mil excursionistas, de que fazia parte a banda da Concentração 24 de Agosto.

Nas estações em que o primeiro comboio parou, como fôram as de Coimbra, Aveiro e Espinho, os membros do governo receberam calorosas saudações do povo e cumprimentos das autoridades e elemento official.

Essas saudações, porém, subiram de ponto, quando o comboio entrou na estação de Campanhan, que estava toda embandeirada em festa.

Não se descreve o entusiasmo com que os srs. drs. Affonso Costa e Bernardino Machado fôram recebidos pelo povo portuense. A cidade estava em festa; as ruas por onde devia passar o cortejo engalanadas de bandeiras e pelas janelas apinhadas de damas, estendiam-se ricas e vistosas colchas de seda.

Á entrada dos ministros na cidade foi triumphal, tendo se organizado um cortejo assim composto:

Na frente abriam o cortejo seis praças de cavalaria da Guarda Republica, seguidas da banda de infantaria 6, que entestava o primeiro batalhão de Voluntarios da Republica e logo a seguir os centros democraticos com bandeiras, Grupo de Instrução e Recreio Arthur Leitão, Centro Duarte Leite, junta de parochia de Santo Ildefonso, Centro Republicano Rodrigues de Freitas, Centro dr. Alfredo Magalhães, junta de parochia do Bomfim, Centro dr. Pedro Osorio, Sociedade Cooperativa Casa de Saude, Centro José Falcão, Escola Industrial Infante D. Henrique, Associação de Corretores de Hoteis, Centro dr. Antonio José de Almeida, uma banda de musica, Centro e Escola dr. Affonso Costa, Grupo Guerra Junqueiro, Grupo Democratico de S. Pedro da Campanhan, Grupo Marinha de Campos, Grupo Recreativo de Campanhan, Academia com a Tuna, Associação dos Empregados do Comercio e Industria, banda dos Voluntarios de Coimbrões, outras associações democraticas, banda Marcial da Foz, muitas mais corporações difíceis de enumerar, o que tudo formava um extenso cortejo que precedia os *landaus* em que ia o sr. ministro da justiça e o dos estrangeiros acompanhado pelo presidente da camara municipal, sr. Xavier Esteves e vice presidente sr. Pereira Osorio.

Seguiam-se depois automoveis e trens com os vereadores e mais autoridades civis e militares, incluindo juizes, delegados e mais funcionarios do fóro.

Este luzido cortejo dirigiu-se para os Paços do Concelho atravez das ruas da cidade, abrindo difficilmente passagem por entre a multidão, que não cessava de dar vivas á Patria, á Republica, ao governo e aos ministros, num verdadeiro delirio, secundado pelas senhoras, que das janellas davam palmas, acenavam com lenços e deitavam flores sobre os visitantes.

Na Camara Municipal fazia a guarda de honra uma força da Guarda Republicana com a banda; no atrio e escadaria abriam alas os graduados do Corpo de Salvação Publica, piquete de bombeiros, zeladores municipaes e batalhão de Voluntarios Ferreira Gonçalves.

Realizou-se então uma sessão solemne em que fôram proferidos brilhantes discursos de boas vindas, sendo os ministros alvo das mais significativas saudações, quer na sala, quer fóra, onde o povo continuava a dar vivas e palmas com frenesim.

No antigo teatro do Principe Real, agora denominado de Sá da Bandeira, houve nessa noite recita de gala em honra dos ministros, a que assistiram as principaes familias da sociedade portuense, e onde se repetiram as mesmas cenas de entusiasmo ao som do hinno executado pela orquestra.

Na chegada ao Porto dos srs. ministros da

guerra e da marinha, repetiram-se com o mesmo entusiasmo as manifestações que haviam sido feitas aos srs. ministros da justiça e dos estrangeiros, sendo verdade que a muitas pessoas se ouvia dizer nunca terem assistido naquella cidade a manifestações tão calorosas e tão espontaneas.

Nós aqui vamos registando os factos sem exageros de paixão, e simplesmente procurando a verdade, e estas informações nos fôram dadas por testemunhas de inteira confiança. Eis porque nos parecem bem significativas estas manifestações, que mostram o acordo em que se acham as forças vivas do país, o que tambem nos parece um bom augurio de paz.

Mas não pararam aqui as festas que se prolongaram pelos dias 30 e 31.

Os ministros visitaram varios estabelecimentos publicos, e no dia 30 foi-lhes oferecido um banquete no Palacio de Cristal, em honra do sr. dr. Affonso Costa.

A grande nave apresentava surpreendentes decorações que realçavam pela profusão de lampadas electricas, enchendo se completamente as galerias e bancadas de espectadores, em que avultavam as senhoras com suas lindas *toilettes*. O banquete foi de 1:200 talheres, divididos por 18 mesas. Nelle se reuniram todas as classes sociaes numa grande confraternização, levantando se muitos brindes calorosamente correspondidos e applaudidos por toda a assistencia.

O dia 31 era o dia da grande comemoração, mas de tal modo as grandes bategas de agua se repetiam, que foi impossivel realisar o cortejo que estava projectado e em que tomavam parte collegios, corporações de todas as classes, forças militares, elemento official, etc. Entretanto sempre foi colocada a lapide comemorativa no mausoleu dos vencidos de 31 de janeiro, com certa solemnidade, indo ao cemiterio muitas das corporações e pronunciando-se ali alguns discursos.

Toda a chuva do ceu não conseguiu esfriar o entusiasmo do povo, e a cidade do Porto afirmou de modo eloquente a sua adhesão ás novas instituições.

Mas o grande cortejo, porém, tinha de realisar-se, como se realiso no dia 5, em que o sol irrompeu com todo o esplendor da sua luz e animou toda a cidade de uma grande alegria.

O cortejo seguiu pelas principaes ruas do Porto, vistosamente enfeitadas, até ao cemiterio do Prado do Repouso. Compunha-se de todas as classes sociaes e o que mais encantava eram as creanças de muitos collegios que iam cantando a *Portuguesa*, assim como o povo ao som do hinno tocado pelas bandas. Para se fazer ideia da estensão deste cortejo basta dizer que tendo sahido da Praça da Republica ás 10 horas da manhan, acabou de entrar no cemiterio ás 2 horas da tarde.

Foi tocante o ver colocar no mausoleu dos vencidos de 31 de janeiro tantas corôas e ramos de flores, como carinhosa oferta á memoria daquelles patriotas, assim como os discursos pronunciados em sua honra e calorosamente applaudidos pela enorme multidão.

Neste dia houve ainda, no Palacio de Cristal, um novo banquete em honra dos antigos deputados republicanos drs. Affonso Costa, Paulo Falcão e Xavier Esteves. Este banquete foi ainda maior que o primeiro, pois tomaram parte nelle mais de dois mil convivas. Houve entusiasticos brindes sendo o primeiro iniciado pelo rev. Manuel Guimarães.

Não podia fechar com maior brilho a festa comemorativa de 31 de janeiro.

O Instituto Internacional de Agricultura

(Continuado do n.º 1155)

Em 24 de janeiro de 1905 endereçava o chefe do Estado italiano ao seu presidente do conselho de ministros a seguinte carta:

«Um cidadão dos Estados Unidos da America, o sr. Lubin, expoz-me, com o entusiasmo que vem das convicções sinceras, uma ideia que me parece util e boa, razão porque a recomendo á attenção do meu governo.

«As classes agricolas, geralmente as mais numerosas e que tem por toda a parte uma grande influencia sobre a sorte das nações, não podem, vivendo desagregadas, prover á sua prosperidade nem melhorar e distribuir conforme as regiões de consumo as varias culturas, nem tutelar os proprios interesses no mercado, que para

(1) OCCIDENTE, vol. v, de 1882, n.º 114, pag. 43.

a maior parte dos productos do solo cada vez mais se torna mundial.

«N'estas circumstancias parece que poderia tornar-se util um instituto internacional, que alheio a qualquer fim politico, se propuzesse estudar as condicções da agricultura nos diferentes paizes do mundo, tornando conhecidas periodicamente a quantidade e qualidade das colheitas, a fim de tornar menos custoso e mais expedito o commercio e conseguir uma mais conveniente determinação dos preços. Esse instituto, procedendo de commum accordo com as varias repartições nacionaes já creadas com tal fim, forneceria ainda noticia precisa sobre as condicções da mão d'obra agricola em toda a parte, de fórma que os emigrantes encontrassem um guia util e seguro; promoveria accordos para a defeza commum contra as doenças das plantas e dos animais domesticos para as quaes a defeza parcial é menos efficaz; exerceria finalmente uma acção opportuna sobre o desenvolvimento da cooperação rural, dos seguros e do credito agrario.

«De um instituto assim inspirado, orgão de solidariedade entre todos os agricultores e portanto elemento poderoso de paz, os beneficos efeitos seguramente se multiplicariam. Digna séde da instituição seria Roma, para onde se deverá convidar a representação dos Estados adherentes e das maiores associações interessadas, por modo que em completa harmonia se encontre a auctoridade dos governos e a livre energia dos cultivadores da terra.

«Tenho fé que a elevação do intuito vencerá a difficuldade da empresa.»

A regia mensagem dirigida ao sr. Giolitti, então Presidente do Conselho de Ministros, é um verdadeiro programma da instituição, que o ministro dos negocios estrangeiros antes de um mez passado communicava aos seus agentes diplomaticos, encarregando os de convidar os diferentes governos a enviar delegados a uma primeira conferencia marcada para maio seguinte e destinada a organizar o Instituto, que teve em novembro de 1908 a sua primeira assembléa geral, consubstanciado como estava pelo *referendum* de 48 Estados na convenção de 7 de junho de 1905 a que me referi anteriormente.

Em dezoito mezes construiu-se um palacio para séde do Instituto, obra custeada pelo rei, que dotou esse estabelecimento com os rendimentos de duas propriedades da lista civil nos arredores de Pisa, assegurando-lhe assim uma annuidade de 60 contos de réis, independente das cotisações dos Estados. Em sua propria casa teve, pois, lugar a primeira assembléa geral.

A ideia, como se vê, não cabia em moratorio. Julgava-se util. O monarcha e o governo não se contentavam com o successo de applausos que o plano despertára em todas as nações e com energia a impulsionavam, realisando-a. Que magnifica lição de energia intelligente e sincera!

Antes de verificada a conferencia organisadora forma-se uma commissão especial de 32 membros, consagrada a desbravar o terreno para incidencia mais efficaz da acção d'esta assembléa universal.

Faz-se um estudo da organização agricola particular e do Estado, politica, administrativa, technica e economica na Allemanha, França, Austria Hungria, E. U. da America, Gran Bretanha, Italia e Hollanda; colhe-se a impressão produzida n'esses paizes pelo plano do Instituto. Assim se prepara a sua constituição e organização. As funções do Instituto, marcadas na regia missiva e reduzidas a capitulos, foram objecto de outra serie de estudos muito instructivos, devidos, como os primeiros, ao saber e investigação dos srs. G. Lorenzoni, C. Dragoni, G. Del Vecchio, V. Stringher, I. Giglioli, A. Bosco di Rufino, Cuboni, Siemoni, A. Bertolini e M. Broggi.

E' a primeira valiosa colheita util do Instituto. A essa commissão foi presente, com a carta-programma do fundador, o projecto do sr. David Lubin. Consistia na formação de uma camara internacional de agricultura, composta de representantes das diversas associações agricolas de cada paiz, dando-se aos delegados das potencias o papel realmente apagado na acção, e tão sómente decorativo, nas assembléas geraes, de traço de união entre os agricultores de cada paiz e os respectivos governos.

Seria uma organização de classe com funções multiplas que iam de uma repartição de informações á criação de uma bolsa de productos e de trabalho e a uma federação de armazens geraes, de modo que os generos inscriptos em um d'elles podessem ser vendidos em outro de região onde faltassem para consumo.

Não ha duvida que este programma do sr. Da-

vid Lubin é, apesar de adstricto só ao ponto de vista economico, grandioso e tentador; mas o seu proprio alcance e o conhecimento da politica mundial, por emquanto ainda bastante egoista, tornavam-n'o fatalmente inviavel n'este momento historico que vamos atravessando.

Ha de realisar o uma civilização futura, estou certo d'isso, talvez mais do que se possa imaginar, e então o nome do apostolo norte americano será citado e admirado como o de um precursor com a ante-visão dos acontecimentos.

Mas — não haja duvidas — adoptar, n'esta occasião, tal plano e convidar para o discutir e adoptar os representantes dos governos, seria caminhar para um insuccesso manifesto, quando justamente não conviria assustar ninguem com ideias, porventura antecipadas em relação aos tempos presentes, mas sim aggremiar as nações em torno de pontos de partida simples, nitidos e já utilissimos e que encaminharão, porventura, pouco a pouco para aquelles e outros nobres ideaes.

O facto em si de formar uma associação de nações para cuidar dos interesses agricolas do universo é tão grande, de tão arrojada concepção nos tempos presentes, de tamanha elevação moral pelo que vale, pelo que indica, que, por forma alguma se podia sacrificar a um *optimum* innatinível no estado presente do egoismo das nações.

Assim, cuidou eu, pensou a commissão que trabalhou com opportunismo e senso pratico da realidade actual das coisas, cingido-se antes á doutrina da carta real, do que ao projecto de Lubin, que nem por isso deixa de ser o inspirador da obra grandiosa do rei Victor Manuel.

E com prudencia andou, pois que na conferencia internacional o thema mais debatido foi exactamente o principio fundamental d'esse plano, isto é, dar-se ao Instituto o caracter de aggremação de classe sob a forma de camara internacional de agricultura composta de representantes de associações agricolas. Teria sido rejeitado por grande maioria se a commissão o apresentasse, pois, em seguida a um longo debate sobre uma proposta já bastante afastada d'aquella, a conferencia decidiu (art. 2.º da convenção) que o «Instituto Internacional de Agricultura é uma instituição d'Estado, na qual cada potencia adherente será representada por delegados de sua escolha» o que é perfeitamente o contrario do que projectava o cidadão americano n'este particular.

Os interesses agricolas são muita vez antagonicos, variaveis e mudam de paiz para paiz. Uma assembléa formada exclusivamente pelos representantes das grandes organizações agricolas encontrava-se em presença d'esses interesses oppositos sem possibilidade de conciliação, emquanto que um Instituto composto de delegados dos governos estará n'outra situação para favorecer os

da convenção, outros tiveram de deixar-se para mais tarde. Accrescentaram-se, porém, planos novos, na realidade interessantissimos e que alargam e completam a obra do Rei de Italia.

A convenção firmada em seguida á conferencia pelos representantes de 41 nações, entre os quaes figuravam os srs. conselheiros Mathias de Carvalho e Vasconcellos, ministro de Portugal na Italia; F. A. de Oliveira Feijão, presidente da direcção da Real Associação Central da Agricultura Portugueza; e professor Sertorio do Monte Pereira, do Instituto de Agronomia, reza assim no seu art. 9.º, o essencial, depois do n.º 2, que marca o caracter fundamental do Instituto, como vimos:

«O Instituto limitando sua acção no dominio internacional deverá:

«a) concentrar, estudar e publicar no mais breve espaço de tempo possivel as informações estatisticas, technicas ou economicas concernentes á cultura, á producção tanto animal como vegetal, ao commercio dos productos agricolas e aos preços em curso nos diferentes mercados;

«b) communicar aos interessados, nas mesmas condições de rapidez, todas as informações mencionadas;

«c) indicar os salarios da mão d'obra rural;

«d) tornar conhecidas as novas doenças dos vegetaes que appareçam sob qualquer ponto do globo, com indicação dos territorios atingidos, a marcha da doença e, se fôr possivel, os remedios efficazes para as combater;

«e) estudar as questões referentes á cooperação, ao seguro e ao credito agricolas, sob todas as fórmas, juntar e publicar as informações que possam ser uteis nos diferentes paizes para organização de instituições de cooperação, de seguro e de credito agricolas.

«f) submeter, se para isso houver ensejo, á approvação dos governos, medidas para a protecção de interesses communs aos agricultores e para melhoramento de suas condições, depois de previamente se ter munido de todos os meios de informação necessarios taes como: votos expressos nos Congressos internacionaes ou outros Congressos agricolas e de sciencias applicadas á agricultura, Sociedades Agricolas, Academias, Corporações scientificas, etc.

«Todos os assumptos que bulam com os interesses economicos, a legislação e a administração d'um Estado particular, deverão ser excluidos da competencia do Instituto.»

Antes de vermos quem executa esta obra é necessario reportarmo-nos aos arts. 3.º, 5.º e 6.º da convenção que nos indicam os órgãos activos do Instituto. São a Assembléa geral e o Comité per-



FACHADA DO EDIFICIO DO INSTITUTO INTERNACIONAL DE AGRICULTURA

Desenho do arquiteto Passerini

interesses particulares de cada paiz e poderá operar nos diversos Estados sem encontrar obstaculos nem suscitar desconfianças. Além de que as associações que têm importancia e força vária e diferente nos diversos paizes, poderiam em muitos casos fazer uma politica contraria ás dos Estados e trazer complicações porventura gravissimas. E financeiramente mal se comprehende como poderia sustentar a empresa.

Quanto aos outros pontos do programma do sr. Lubin, alguns se conteem attenuados no art. 9.º

manente. A primeira tem a direcção superior do Instituto, é um mixto de poder legislativo e moderador. O segundo é o poder executivo, que sob a direcção e a fiscalisação d'aquelle, executa suas deliberações e prepara as proposições que lhe devem ser submittidas. Os Estados fazem representar-se por um delegado no Comité permanente, que, como o seu nome indica, tem funções constantes; por um ou mais delegados na Assembléa geral que reúne em data fixada pela anterior.

Para executar o programma do art. 9.º manda

O 20.º Anniversario da Revolta de 31 de Janeiro, no Porto



A ACADEMIA NO CORTEJO — A GUARDA DE HONRA EM CAMPANHA PELO BATALHÃO DE VOLUNTARIOS

o estatuto que o Comité permanente se divida em tres commissões, que teem á sua disposição um pessoal cujo quadro é assim composto: 1 secretario geral com 22:000 fr., 2 chefes de divisão com 20:000 fr., 1 bibliothecario com 10:000 a 14:000 fr., chefes de secção a 10:000 e 15:000 fr.,

adjunctos ao secretario geral 6 a 9:000 francos, redactores-traductores de quatro cathogorias de 2:400 a 8:000 fr. A composição do pessoal é internacional. O secretario geral é italiano, sr. Koch, ministro plenipotenciario, os dois chefes de divisão um é belga, sr. Braffort que deixou o lugar

de director geral de agricultura, outro é o especialista americano a quem me referi anteriormente.

D'onde proveem os rendimentos com que se mantem este, necessariamente caro, organismo social? De 60 contos de réis annuaes do rei d'Ita-



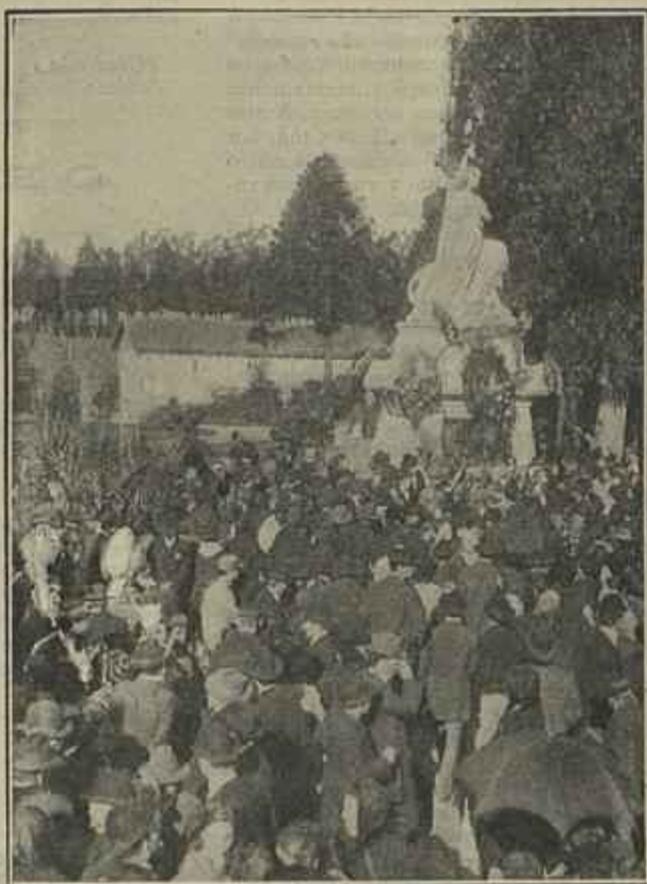
UM TRECHO DO CORTEJO: O MINISTRO DA JUSTIÇA SR. DR. AFFONSO COSTA AGRADECENDO AS MANIFESTAÇÕES

(Clichés Benoitel)

O 20.º Aniversario da Revolta de 31 de Janeiro, no Porto



Ministro da justiça, Provedor da Misericórdia, Ministro da Marinha
VISITA DOS MINISTROS AO HOSPITAL DE SANTO ANTONIO



A COLOCAÇÃO DE CORÔAS NO MAUSOLEU DOS VENCIDOS
DE 31 DE JANEIRO, NO CEMITERIO DO PRADO DO REPOUSO



O CONVENTO DA PORTELLA EM CONSTRUÇÃO — (Cliché da «Mala da Europa»)

Edifício quasi concluido pelos frades varatojanos á data de 5 de outubro de 1910. O governo em virtude do decreto da expulsão das congregações religiosas, tomou posse do edificio.

lia e mais das cotisações dos Estados adherentes. Conforme reza o art. 10.º da convenção, serão classificados em cinco grupos, conforme o logar que cada um d'elles julgue dever attribuir-se. O numero de votos de que dispõe cada Estado e o numero das unidades de cotisação são estabelecidos segundo progressões (arithmeticas para os votos e geometricas para a cotisação) inversamente proporcionaes á cathegoria que occupam. Assim um Estado que se inscreve na classe 5 tem um voto e paga uma unidade de cotisação e outro que esteja na classe 1 dispõe de 5 votos, mas entra com 16 unidades de cotisação.

Essa unidade que era de 1:500 fr. durante os dois primeiros annos, pôde ser elevada até 2:500 fr.

O orçamento para 1910 prevê uma receita de 1.289:452 fr. e uma despesa de 789:452 fr., que será certamente ultrapassada, bastando para isso o accrescimento da verba das despesas telegraphica e postal por via do funcionamento este anno do serviço de estatística.

De resto é agora que principia o trabalho externo do Instituto. Os preliminares da conferencia iniciadora no verão de 1905, a demora no referendium da convenção que occupou certamente os restantes seis mezes do anno, a construcção do edificio proprio coincidindo com a preparação dos projectos de Estatutos, de orçamentos, de quadros de empregados para serem presentes á assembléa geral de novembro de 1909, finalmente o anno de 1909 consagrado á escolha e adaptação do pessoal, ás installações de serviços, á preparação de trabalhos para a assembléa de dezembro findo, têm até hoje occupado a actividade do Instituto.

D'este ultimo anno já alguma coisa se apura, não fallando em trabalhos adeantadissimos uns, em adeantamento outros, sobre estatística monographica associativa, sobre organisação de serviços de defeza contra as doenças das plantas, etc. São varios estudos preparatorios das iniciativas propostas á Assembléa geral, que constituem um repositório copioso de informações monographicas, mórmente sobre questões de estatística, coordenado com methodo e consciencia, que fornece lição varia e proveitosa aos paizes que ainda não teem organizado ou desejem melhorar trabalhos de estatística. Essas obras permitem que o serviço de estatística comece a funcionar desde já. Outras obras, encetadas umas, completas outras e não publicadas, como os quadros do inventario da producção agricola mundial, as monographias da cooperação rural na maior parte dos paizes, etc., ainda attestam a actividade do Instituto, actividade que o publico não vê, sendo por isso injusto nas suas criticas precipitadas, sem se lembrar que, afinal, o Instituto trabalha ha seis mezes apenas! Mais outro trabalho ignorado cá fóra, mas enorme, é o que representa a actividade exercida na organisação dos serviços da bibliotheca, que é uma repartição essencial para o funcionamento regular das outras divisões do Instituto. A organisação de uma bibliotheca hoje em dia é qualquer coisa bem differente de arrumar livros por ordem alphabetica de auctores ou de titulos. É necessario dar-lhe vida, tornal-a prestavel mesmo áquelles que não a frequentam. O Boletim bibliographico do Instituto, já em via de publicação, permite acompanhar todo o movimento de livreria e de revistas, d'onde se tiram as indicações dos estudos mais interessantes, permite constituir rapidamente uma bibliographia agronomica sobre fichas, facil de conservar em dia. O methodo de classificação bibliographica adoptado, além do alphabetico adoptado por auctores e por paizes (só em assumptos referentes ao Instituto), é o decimal universal ou de *Extended Dewey*, aperfeiçoado pelo Instituto Internacional de Bibliographia e desenvolvido na parte agronomica por Vermorel. Consiste, muito resumidamente, em expressar por uma combinação de numeros e de signaes a materia da publicação, depois em collocar o livro segundo o numero de ordem assim obtido. Pelo boletim e pelo methodo de classificação, realisa o Instituto uma larga vulgarisação scientifica.

O Instituto estabelece as bases de sua acção e como as deseja solidas não pôde cimental-as precipitadamente. Muito tem trabalhado realmente, nos poucos mezes de inicio do cumprimento de seus deveres. Se cotejarmos o que ha feito com o que a convenção auctorisa que se faça, vemos que uma coisa só ainda não foi abordada: a questão dos salarios da mão d'obra rural. Em tudo mais a acção do Instituto está principiada com a prudencia e a sciencia que se impõem a um estabelecimento d'esta ordem. No ramo estatístico, que é a parte essencial do Instituto, avançou-se mais do que em outro qualquer. Assim devia ser.

Não se exija porém, desde já, mais do que um caracter absolutamente *medeo e approximado*, ao esforço estatístico e investigador do Instituto para cumprimento das obrigações contrahidas nas varias alneas do art. 9.º da convenção.

(Continúa.)

D. LUIZ DE CASTRO.

O RETRATO

Envias-me o retrato, linda flôr,
Para que assim te veja a cada instante
E possa minorar a minha dôr,
N'esta ausencia tão longa e torturante.

Que bem que me fizeste, meu amor!
Vivo agora n'um sonho delirante
Com essa luz, de um brilho seductor,
Que illumina o meu quarto d'estudante.

A's vezes é tão grande esta loucura
Que ao teu retrato eu ponho-me a falar,
Como se fóra a ti, minha ventura!

Mas depois, que saudade, que desejo!
— Eu choro e não me posso resignar,
Quando te estou a vêr... e não te vejo!

Lisboa, 31-12-910.

ESPINOLA DE MENDONÇA.

A casa submarina

por

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1153)

O doutor reclinou-se no sofá e pareceu reflectir no que eu dissera, depois continuou:

— Capitão, ninguém pôde fazer pontaria com os pés, não é verdade?

E sem esperar resposta, proseguiu:

— Não; faz-se com as mãos para segurar a arma e com os olhos para mirar o alvo. Portanto, é pôrem-me ali no corredor e dar-me uma espingarda, que eu guardarei a porta, pôde ficar certo d'isso.

Estas palavras incomodaram miss Ruth, porque era a primeira vez, se tal acontecesse, que entravam pelo lado do poço. Mas era mulher corajosa e nunca mostrava temor, antes pelo contrario, parecia levar tudo de chaça, exclamando:

— Que doidice! Que doidice!

Depois chamou Rosamunda e deu-lhe uma ordem, fazendo-me pensar que alguma coisa me tivesse esquecido.

— Jasper — me disse ella, — o senhor nunca será um bom general! Onde tem o senhor a cabeça para deixar morrer de fome o seu exercito? Mas descanse, que nós nos encarregaremos de lhe dar de comer. E depois verá, mr. Begg, verá como as coisas correm bem.

Era evidente que Ruth, com aquellas palavras, desejava afugentar os seus terrores; mas não havia duvida que o doutor tinha razão e, antes de me retirar, deixei-lhe ao pé uma espingarda e vinte cartuchos.

— Se ouvir qualquer ruido na porta do corredor, ainda que seja só arranhar — lhe disse — faça logo fogo. Estarei ao pé de si antes que o fumo se desfaça.

Dito isto, retirei-me com a alma mais anciada do que desejava, e fui em busca dos meus companheiros para o lado da porta do mar.

Encontrei-os agrupados na plataforma, á claridade da lua que brilhava lá no alto com uma luz clara, reflectindo sobre o tranquillo mar, e illuminando as altas rochas da ilha de Ken.

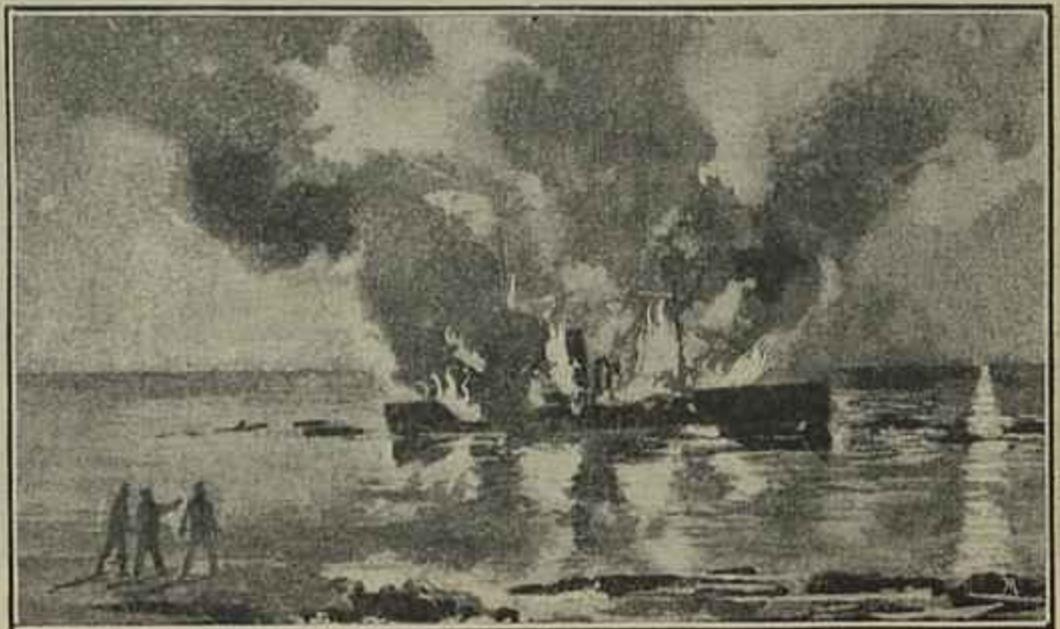
Tão tranquilla estava a noite, tão soberbo e formoso era o panorama que se desfructava, que até me pareceria ter sido transportado por alguma fada áquelle lugar maravilhoso, se a voz de Peter Bligh me não chamasse á realidade, dizendo-me no momento em que assomava a cabeça ao buraco da plataforma:

— Incendiaram o barco, capitão, incendiaram o barco! Assim Deus lhes faça o mesmo, que elles fizeram áquelles desgraçados! Se já se viu tamanha malvadez!... Largar fogo ao navio quando estava varado. Seria insultar uma boa corda se se enforcasse n'ella, gente como esta!

Dei então alguns passos até ficar á borda da plataforma com o fim de vêr tudo melhor.

Destacando-se sobre o claro orisonte, viam-se grandes rolos de fumo envoltos em enormes linguas de fogo, e ao centro de tudo, a silhueta do barco que aquelles bandidos tinham incendiado. Nunca se pintou quadro mais horrivel do que aquelle na sua espantosa magnificencia, e que nós podiamos admirar da plataforma como se fosse uma torre de vigia.

Parecia que todo o céu estava ardendo e em volta do barco em chammas, tudo brilhava; a agua parecia um tanque de ouro fundido, pelo qual se moviam sombras e figuras de seres vivos.



A CASA SUBMARINA, CAP. XX — As labaredas lambiam o costado do navio...

As labaredas lambiam o costado do navio e caminhavam como serpentes para todo o aparelho, queimando enxarcias, vergas, mastreos, tudo n'uma ancia devastadora. Vi que os seus minutos estavam contados, e calculei que antes de romper o dia, o barco estaria submergido.

— Santo Deus, mr. Bligh! N'unca vi coisa semelhante! E aquella pobre gente que está a bordo? Que irá ser d'ella? A que porto poderá dirigir o rumo?

— Mandaram gente para terra — respondeu Dolly Venn, que mal podia falar de nervoso que estava. — Vi duas lanchas carregadas de gente cruzar a bahia, enquanto mr. Bligh estava amontoando as munições. Mandaram-n'os para a ilha e ali morrerão naturalmente! E nós, vendo tudo isto, e sem lhes podermos acudir! Daria tudo quanto tenho, para me encontrar ali com cem marinheiros ás minhas ordens! Só cem, e com as machadinhas de abordagem nas mãos

— Sim — respondi — e uma forca para cada um dos bandidos que remam n'aquelle bote. Rapaz! O pensar só, não serve de nada esta noite, nem podemos fazer apparecer os teus cem homens só com o assobiar-lhes. N'em todos servimos na armada, Dolly, somos apenas marinheiros mercantes, mas faremos o possível para dizer qualquer coisa a Edmundo Czerny, ou juro que não tornarei mais a pronunciar palavra. Agora ajuda-me com os teus olhos, que são mais novos do que os meus, e diz-me: Não é um escalor que vejo ali, ou que é?

Respondeu-me que sim, e mostrou-me tambem uma coisa que eu ainda não tinha visto, isto é, um yacht ancorado a alguma distancia a E., como se esperasse que a sua gente subisse para bordo. Suppuz que Edmundo estaria sobre a coberta do yacht vendo como trabalhavam os seus homens, e se tal espectáculo de morte e destruição lhe não satisfazia o intimo, creio então que seria de muito má bôca.

Talvez que nunca elle tivesse visto espectáculo assim. Aquelle mar que parecia metal fundido, a ilha illuminada pelo reflexo das chammas, os bosques, cujas arvores elevavam para o céu os troncos e folhas que pareciam de fogo, as nuvens de vapor semelhante sangue e ouro, o barco ardendo e as lanchas fluctuando em volta sobre o mar inflammado.

Que visão mais infernal podia apresentar a ilha de Ken, áquelle abutre dos mares?

A noite tinha-o demonstrado, e a Providencia havia de determinar qual seria a nossa obra. Parece-me ter dito já que Dolly Venn serviria na reserva naval e tinha mais conhecimentos da artilharia do que nós.

A essa circumstancia devemos bastante o exito d'aquelle noite.

— Tens de commandar a manobra, Dolly — lhe disse eu — e o escalor vai servir para dar principio á funcção, se os meus olhos me não mentem. Dirige-se para aqui á força de remos. Outros mais lhe seguirão na esteira e d'aqui a pouco temos ahí uma esquadilha, conforme verá quem tenha olhos.

— Parece uma regata nocturna — exclamou Peter Bligh, observando o mar. — Vem ahí uma dezena de lanchas e todas ellas cheias de gente. Dava qualquer coisa para vér esta noite mr. Jacob; creia, capitão, que dava. Somos poucos para receber com as salvas do estylo, tão digna gente!...

Era raro vér Peter Bligh falar serio, mas as circumstancias não permittiam outra coisa. Só considerando a nossa situação se comprehenderá o que digo. Eramos apenas quatro homens cheios de boa vontade, e um bocado de rocha que se elevava acima do nivel do

mar, que ali era de uma profundidade de perto de dois mil metros, mas estavam resolvidos a defender as vidas e a de outra pessoa que tambem nos era cara.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

Sousa Viterbo

Uma nota alegre — Uma nota bibliografica

Ainda ácerca do falecimento do dr. Sousa Viterbo a que aludimos no nosso numero de 20 de janeiro ultimo, recebemos do nosso amigo e colaborador d'esta revista, sr. Henrique Marques Junior, a carta que em seguida publicamos:

«Meu bom amigo

A minha vida é agora, como sabe, tão apensada que me foi completamente impossivel escrever duas linhas de homenagem posthuma a um homem que tão amavel foi sempre para commigo, chegando a chamar-me — nas férias da sua carinhosa filha — para o secretariar. Quero referir-me ao dr. Sousa Viterbo.

E' para duas notas sobre a sua personalidade e sobre o seu trabalho que escrevo esta carta, certo de que não terá escrupulo em inserir-a no numero no nosso OCCIDENTE.

Sousa Viterbo — apesar da sua terrivel doenca que lhe produziu a cegueira — era um homem affabilissimo, gracioso e tanto assim que certo dia em que estava dictando o seu trabalho, tocaram á campainha e logo que ouviu o toque chamou a Joaquina, uma antiga creada, a quem perguntou quem era o massador, pois é preciso advertir que o bom do dr. Sousa Viterbo quando estava nas suas horas de trabalho não gostava de impertinentes e tanto, que só recebia o general Brito Rebello, excellente character e tambem um erudito, ou quem lá fosse dar algumas indicações concernentes ao seu genero de trabalho.

Posto isto, contemos que o *Fuão* annuciado entrou e o dialogo que se travou foi, pouco mais ou menos, este:

— Então, V. Ex.^a como está, sr. dr.?

— Uns dias bem, outros dias mal... e assim se vai vivendo!

— E V. Ex.^a não faz nada para a sua doenca?

— Faço tudo quanto posso para me distrair... trabalhando.

— Ora o que o sr. dr. devia fazer era isto... — e zás, pespega-lhe uma receita, que não decorei. O dr. Sousa Viterbo, depois de o ouvir com uma paciencia estoica, que ainda agora rememoro, sauiu-se com esta:

— Ora, diga-me: traz-me o sr. algum dinheiro?...

— Nada... não, sr. dr., com bastante magua minha...

— Pois olhe: de dinheiro preciso... De conselhos, agradeço-lhe muito, mas não preciso.

O homem — cujo nome não importa, desde que o facto se deu — balbuciu umas debeis palavras atabalhoadamente, despediu-se e parece que tanto se doeu com a ironia do illustre sabio que nunca mais pôs os pés lá em casa.

Finda aqui a *nota alegre*; tem cabimento aqui a *nota bibliografica* que — apesar de lisongeira para mim — não deixa de merecer referencia. Foi um prefacio que eu escrevi dictado por elle e que vem no *Terceiro Livro de Contos de Fadas*, um livro de contos dos Irmãos Grimm, que faz parte de uma *Bibliotheca de Creanças*, editada pela Empresa da Historia de Portugal, e a que ninguem alludiu, decerto por lapso. Esta referencia vai sem sombra de reclamo.

Mando lh'o, pois, para fazer o favor de publicar-o juntamente com a carta, na certeza de que não levará a mal essa immodestia da minha parte.

A mim torna-se-me grata a lembrança de Sousa Viterbo, que era um doente e como tal um pouco impaciente; apesar d'isso, porém, tractou-me sempre com a maxima deferencia, estimando-me muito, e do facto são testemunhas: sua bondosa filha — a *Fifinha*, como carinhosa e intimamente era tractada por esse scintillante espirito que em D. Sophia se reflectia — e a sua estremeida esposa, a intelligente e amavel sr. D. Sophia, que sabem perfeitamente a veracidade da minha asserção.

E' tempo de fechar a carta — que já vai longa — e a maneira melhor de o fazer é transcrever as palavras amaveis — ainda que immercidas — que

me dirige no prefacio o eminente sabio dr. Sousa Viterbo.

Peço desculpa da minha tardia interferencia na homenagem consagrada á memoria de Sousa Viterbo de quem nunca me esquecerei, assim como nunca me esqueci de Antonio Maria Pereira, o activo e intelligente livreiro fallecido ha treze annos, de quem eu era amicissimo.

Sem mais, creia-me meu presado Caetano Alberto, sempre seu

Am.^o e mt.^o obg.^o

S/C. — R. S. Gens,
15 — 30 — 1 — 1911.

Henrique Marques Junior.

Segue o prefacio de Sousa Viterbo:

«Duas vezes somos creanças, e aqui estou eu na minha segunda monice, todo embebido na leitura de contos de fadas. Lendo, não; ouvindo ler, já que uma fatal doenca, privando-me da vista, me não permite gosar directamente tão ineffavel voluptuosidade do espirito. Esta circumstancia, aliás pungentissima, envolvendo-me os olhos n'um véo de trévas e o coração n'um véo de lucto, concorre todavia a repôr-me naturalmente no quadro da minha infancia. Com effeito, n'esses já longuiquos tempos, que mal surgem, como ilhas nebulosas, no horisonte da saudade, eu tambem não lia, mas escutava absorto, a par das cantilenas tragicas, como o romance da *Silvaninha*, as narrativas phantasticas, em que appareciam lobishomens, mouras encantadas, almas do outro mundo e animaes falantes. Nas longas noites de inverno, quando o vento e a chuva orchestavam lá fóra a symphonia da tempestade, nós, os pequenitos, á luz morticia de uma candeia d'azeite ou de uma véla de cebo espetada n'um castiçal de latão, formavamos circulo em volta da creada, uma boa aldeã, que nos contou em toda a sua ingenua rudesza, as tradições, que as pastoritas, suas companheiras, lhe haviam transmittido. Com que indissolvel commoção e com que insaciavel curiosidade, nós seguimos todos os episodios d'esse folhetim falado, interrompendo de vez em quando com alguma pergunta indiscreta para esclarecer algum ponto que não tinhamos percebido bem, ou que, pela sua extravagancia ou extraordinaria maravilha, mais nos havia surpreendido.

Os contos, com que me estão deliciando agora o ouvido, têm o condão de recordar todas estas memorias dos tempos felizes, felizes porque ainda nos não atormentavam as preoccupações da vida, e bastava esta gratissima evocação do passado para eu lhes querer bem e considerá-los como balsamo consolador para as feridas da alma. A quantos outros, como eu, não succederá a mesma coisa, sentindo intimamente o mesmo refrigerio.

O colleccionador d'estes contos, o sr. Henrique Marques Junior, muito moço ainda, quasi se pode dizer uma creança, e pela sua idade e pelo seu temperamento, acha-se perfeitamente adequado para estes trabalhos, em que prosegue com todo o ardor e candura da sua mocidade. Apaixonado por este ramo de litteratura, seguindo-o com todo o interesse, elle esmera-se em dotar o nosso idioma com as versões do que, n'este genero, encontra de mais notavel no estrangeiro. E' um bom serviço, que os leitores infantis lhe não deixarão de reconhecer penhoradissimos.

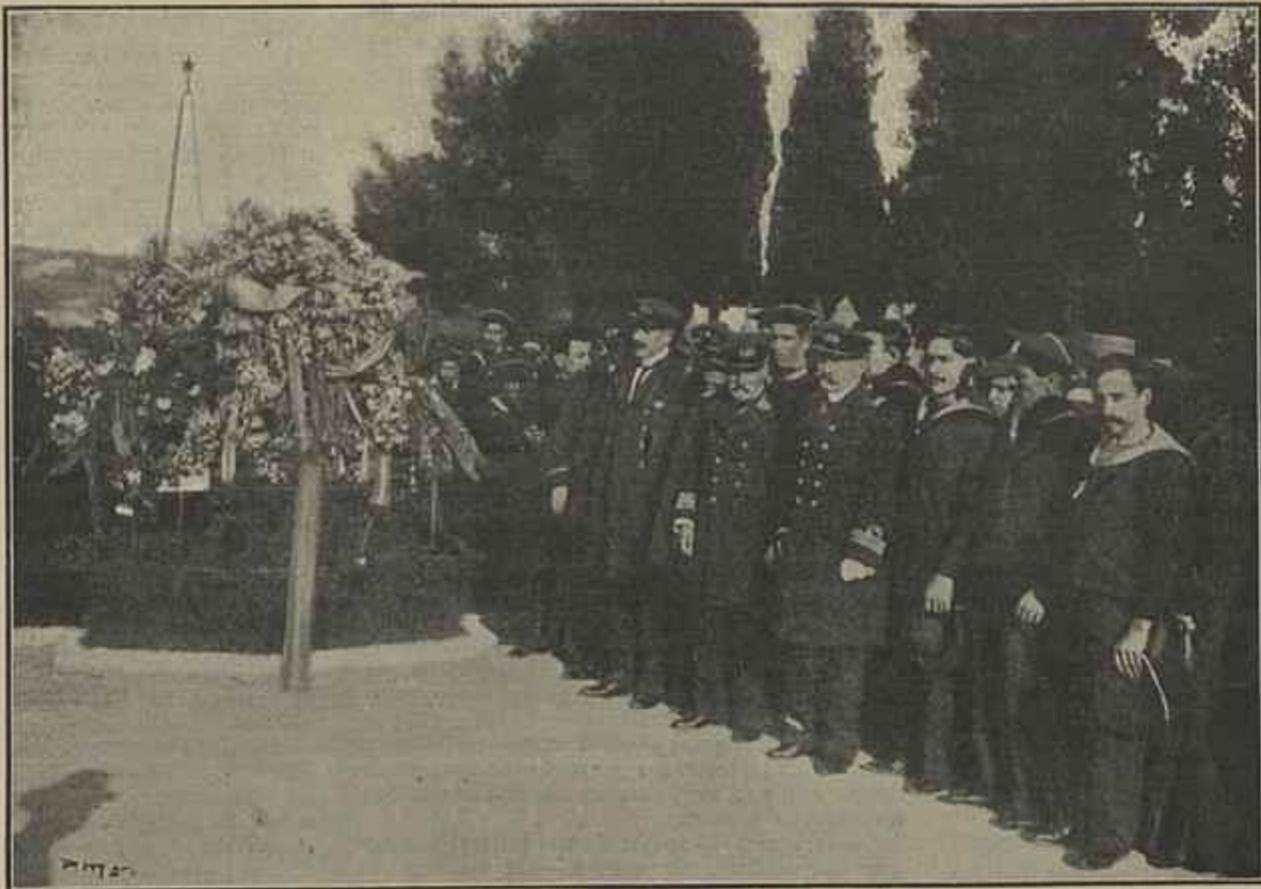
Seria indesculpavel ousadia e até falta de delicadeza, se eu me propozesse preceder esta obra d'um prefacio enedito, recommendando-a ao mesmo tempo. Por um lado, as creanças achariam-na enfadonha, e por outro lado as fadas teriam todo o motivo para se susceptibilisarem commigo. Se o livro é de fadas, ellas é que são as suas verdadeiras madrinhas. Não precisa, pois, d'outra protecção. Sob as suas asas carinhosas, elle poderá correr mundo, que em toda a parte obterá o acolhimento que merece.

26 — 1 — 911.

Sousa Viterbo.



Emoções, por Luciano de Araujo. — Papelaria e tipografia de Assis Maia & Pacheco. — Lisboa. — 1910. — Um volume de 54 paginas de versos que o autor divide em duas partes, sendo a 1.^a: *Primeiros sons da minha lira — A minha mãe*; a 2.^a: *Num valle, poemeto — A minha irmã*. São primeiros versos e como tal se resente m



OS OFICIAES E MARINHEIROS DO «VASCO DA GAMA» VÃO EM HOMENAGEM À MEMORIA DO VICE-ALMIRANTE CANDIDO DOS REIS, VISITAR A SUA SEPULTURA

na fôrma e na metrica, entretanto alguns se encontram que se distinguem pela graça e simplicidade como estes:

BEIJO DE AMOR

Beija o Sol a doce flôr,
Como a mais agreste planta;
Porém o beijo de amor,
Do Sol, os beijos suplanta.

COMERCIO E INDUSTRIA

Temos que registrar a abertura de um novo estabelecimento comercial e industrial, que pela sua importancia merece ser mencionado nesta secção. E' a camisaria do sr. Santos & Saldanha, estabelecida na rua do Ouro, n.º 183 e 185 e que

dantes estava no Rocio, onde já gosava dos melhores credits, e que aumentarão agora com o variado e superior sortimento dos artigos que apresenta e que não temos duvida de recomendar ao publico como o melhor estabelecimento do genero, tanto mais dirigido pelo sr. Santos, habilissimo camiseiro, vantajosamente conhecido entre as pessoas que vestem bem.

Uma visita a este belo estabelecimento confirmará a razão com que o recomendamos.

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar **com medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ. Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (à Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815



CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Collegio Francôz * Instituto primario e secundario

Auctorizado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorizados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviem-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)